

<http://dx.doi.org/10.21714/19-82-25372018v12n3p2843>

## **Aprender, Empreender e Aprender: a Perspectiva da Prática para o Entendimento do Processo da Aprendizagem Empreendedora**

*Sergio Vogt*

Universidade Positivo

[sergiovogt@gmail.com](mailto:sergiovogt@gmail.com)

*Yara Lucia Mazziotti Bulgacov*

Universidade Positivo

[ybulgacov@gmail.com](mailto:ybulgacov@gmail.com)

Recebido em 18 de julho de 2018

Aprovado em 15 de agosto de 2018

### **Resumo**

O campo de estudo do empreendedorismo não é recente e já foi explorado por meio de diferentes perspectivas. No final da década de oitenta, uma nova possibilidade oportunizou que o tema fosse analisado enquanto um processo dinâmico. Essas mudanças levaram os pesquisadores a questionar de que maneira ocorre o ‘tornar-se’ empreendedor. Diante disso, aproximaram-se os pressupostos das teorias sobre empreendedorismo e da aprendizagem, inaugurando-se uma nova temática, denominada de Aprendizagem Empreendedora (AE). Este ensaio teórico, enquanto uma reflexão sobre esse tema, além de narrar o resgate histórico do surgimento da Aprendizagem Empreendedora e de descrever como ocorreu o seu desenvolvimento ao apontar as diferentes perspectivas empregadas, sugere que as teorias da prática sejam utilizadas como lentes teórico-metodológicas para o seu estudo. Isso ocorre pelo fato de que, atualmente, as pesquisas apontam para a investigação da aprendizagem dos empreendedores por meio de um enfoque social e revelam uma tendência para a análise das práticas como fonte de aprendizado. Para isso, realizou-se um levantamento sistemático da literatura sobre a Aprendizagem Empreendedora a fim de permitir a apresentação histórica do desenvolvimento da temática e a posterior identificação das diferentes perspectivas utilizadas nessa trajetória.

Palavras-chave: Aprendizagem Empreendedora; Empreendedorismo; Aprendizagem; Teorias da Prática.

### **1 Introdução**

O campo de estudo do empreendedorismo não é recente e já foi explorado em diferentes perspectivas (Busenitz, Plummer, Klotz, Shahzad, & Rhoads, 2014; Landström, Harirchi, & Åström, 2012; Moroz & Hindle, 2012). Seu surgimento ocorreu dentro de uma vertente econômica (Schumpeter, 1997) e se expandiu com o auxílio da corrente humanista, principalmente da Psicologia (Kuratko, Morris, & Schindehutte, 2015; McClelland, 1972). A relevância dessa temática na área acadêmica ainda é destacada em virtude da sua significância não só na economia, mas também no

desenvolvimento social e cultural (Bygrave, 2009; Rae, 2000; Rae & Wang, 2015; Shane & Venkataraman, 2000).

A ênfase no empreendedorismo como tema de estudo, em se tratando de uma temática que já contava com décadas de história, ganhou um novo horizonte de pesquisa no final da década de oitenta, quando surgiu uma reviravolta motivada por William B. Gartner. A nova perspectiva de estudo sugerida por esse autor possibilitou um olhar diferente, a partir do qual o empreendedorismo pôde ser analisado enquanto um processo não mais estático, mas dinâmico, gerando novos questionamentos dentro do campo (Gartner, 1988; Kuratko et al., 2015; Moroz & Hindle, 2012; Rae & Carswell, 2000, 2001; Shane & Venkataraman, 2000).

As mudanças ocorridas após esse período oportunizaram que os pesquisadores questionassem como ocorre o processo do 'tornar-se' empreendedor. Assim, surgiram, a partir da década de noventa e, de forma mais intensa, no início dos anos dois mil, as primeiras pesquisas que focavam no entendimento da relação do aprendizado em que os empreendedores se envolvem durante o processo de empreender (Cope & Watts, 2000; Deakins & Freel, 1998; Festervand & Forrest, 1993; Minniti & Bygrave, 2001; Murphy, 1993; Rae, 2000; Rae & Carswell, 1999, 2001; Schaefer & Minello, 2017; Smilor, 1997; Young & Sexton, 1997).

O movimento em busca de compreender a aprendizagem do empreendedor inaugurou uma nova temática, denominada de Aprendizagem Empreendedora (AE). Ela surgiu da relação entre as teorias sobre empreendedorismo e aprendizagem, principalmente a aprendizagem organizacional (AO) quando considerada em uma perspectiva segundo a qual são os indivíduos que aprendem no contexto organizacional (Erdélyi, 2010; Harrison & Leitch, 2008; Minniti & Bygrave, 2001).

Com o passar dos anos, e na medida em que houve o aumento das pesquisas sobre a Aprendizagem Empreendedora, pôde-se observar os diferentes períodos que a temática percorreu e em qual medida houve o aumento das pesquisas sobre AE (Wang & Chugh, 2014, 2015). Nessas fases, dentre as perspectivas inicialmente utilizadas para a investigação do fenômeno, destacam-se a cognitivista e a experiencial (Agbim, Owutuamor, & Oriarewo, 2013; Rae, 2000, 2004, 2005; Young & Sexton, 1997). Criou-se, preliminarmente, uma predominância do emprego de tais abordagens para o estudo da Aprendizagem Empreendedora. Mudou-se o enfoque somente a partir do surgimento de discussões que sugeriram que as pesquisas endereçadas à temática deveriam retirar o foco do indivíduo e dar maior centralidade no coletivo, ou seja, no aspecto social desse tipo específico de aprendizagem (Cope & Hamilton, 2005; Harrison & Leitch, 2008; McKeown, 2015; Pittaway & Cope, 2007; Rae & Wang, 2015).

Essa mudança trouxe novas possibilidades ao campo de estudo. Passadas algumas décadas, questionou-se: como se desenvolveu essa temática no decorrer dos anos que se passaram? Assim sendo, realizou-se um levantamento sistemático da literatura sobre a Aprendizagem Empreendedora visando permitir a apresentação histórica do desenvolvimento da temática. Assim, os objetivos deste estudo são: narrar o resgate histórico do surgimento da Aprendizagem Empreendedora, descrever como se desenvolveu apontando-se as diferentes perspectivas empregadas, bem como sugerir o uso de diferentes lentes teórico-metodológicas para o estudo da AE. Em se tratando de um olhar para o futuro da pesquisa acadêmica envolvendo a Aprendizagem Empreendedora, este ensaio teórico propõe o emprego de teorias da prática como lentes teórico-metodológicas em estudos endereçados a essa temática.

Nisso reside a originalidade do presente trabalho, pois enfatiza-se a necessidade de aproximar a perspectiva da prática aos estudos empíricos da Aprendizagem Empreendedora, especialmente pelo fato de que o campo de empreendedorismo demanda mais entendimento do processo de aprendizado do seu principal agente – o empreendedor - na medida em que este se envolve em uma prática empreendedora. Para isso, propõe-se que a Aprendizagem Empreendedora seja concebida como um fenômeno complexo e que se levem em consideração os diferentes aspectos que compõem esse processo: individuais, sociais, ambientais e históricos.

Na seção seguinte, apresentam-se os aspectos relativos ao surgimento da Aprendizagem Empreendedora e, na terceira parte deste ensaio, expõem-se as diferentes perspectivas de estudo sobre o tema que se destacaram no decorrer dos anos. Na sequência, exibem-se argumentos que evidenciam a direção das novas possibilidades desse campo de estudo e, nas considerações finais, sugere-se que se avance na pesquisa sobre o processo da Aprendizagem Empreendedora por meio de alternativas teórico-metodológicas que contribuam com o entendimento desse fenômeno.

## 2 O surgimento da Aprendizagem Empreendedora

Após a realização de um levantamento da literatura disponível em AE e com a análise do material encontrado, pôde-se observar que, em meados dos anos setenta, enquanto tema de pesquisa, o campo do empreendedorismo já havia se consolidado, principalmente dentro de uma vertente econômica (Baumol, 1968; Kirzner, 1973); porém, nesse mesmo período, com a perspectiva humanista de McClelland (1972) surgia outra possibilidade de reflexão sobre a temática. Essa passagem de uma perspectiva puramente econômica sobre o empreendedorismo para um olhar mais humano pode ter motivado o questionamento realizado por Lamont (1972) sobre o que os empreendedores aprendem por meio da experiência. Até então, como revela o levantamento sistemático da literatura efetuado por Wang e Chugh (2014), a relação entre o aprender e o empreender não havia sido identificada na esfera acadêmica, ou seja, o aprender (aprendizagem) e o empreender (empreendedorismo) eram áreas tratadas de forma separada.

Entretanto, esse primeiro passo dado por Lawrence Lamont parece não ter despertado, de forma imediata, o interesse em colocar esses assuntos “para conversar”. Somente após quase uma década depois de sua publicação que Tucker Jr. (1981), ao abordar o ensino do empreendedorismo, retomou de forma conjunta aprendizagem e empreendedorismo. Após essa publicação, mais uma vez o campo de estudo se manteve adormecido para a relação (aprender/empreender), conforme a pesquisa realizada por Wang e Chugh (2014).

Um novo interesse surgiu quando Gartner (1988) levantou a questão de que as pesquisas sobre os empreendedores deveriam focar naquilo que fazem, e não em quem são. Essa mudança de enfoque buscou incentivar a dinamicidade de um olhar processual sobre o fenômeno empreender e também do tornar-se empreendedor. Aparentemente, o resultado dessa sugestão dada por Gartner foi imediato, pois em um evento, naquele mesmo ano, apresentou-se um trabalho que recomendava a utilização da Teoria da Aprendizagem Social como uma base teórica para a pesquisa em empreendedorismo (Scherer et al., 1988).

Já no início da década de noventa apareceram outras evidências que apontavam em direção à AE como um tema de pesquisa acadêmica. Primeiramente com Lant e Mezias (1990), que utilizaram de forma conjunta as temáticas da aprendizagem organizacional e do empreendedorismo para explicar as mudanças ambientais que algumas organizações sofrem e com as quais precisam (aprender a) lidar. No entanto, foi principalmente com Festervand e Forrest (1993) que mais se avançou em direção ao crescimento e ao desenvolvimento da AE como campo de pesquisa; eles realizaram estudos no sentido de desenvolver um modelo que oferecesse respostas à preparação empreendedora, e apresentaram o conceito de *Entrepreneurial Preparedness*.

A expressão ‘aprendizagem empreendedora’ já havia sido utilizada no trabalho de Murphy (1993), nesse mesmo período. Ele considerou que o ambiente organizacional demanda que o empreendedor tenha que buscar formas diferentes de agir e que isso envolve aprendizado. Mas somente no final dos anos noventa que a referida expressão passou a ser utilizada de forma explícita e recorrente enquanto temática que identifica uma área de estudo. Primeiramente, John E. Young e Donald L. Sexton investigaram a busca de explicações sobre o processo que permite que os empreendedores (já atuantes) aprendam na medida em que gerenciam seus negócios (Young & Sexton, 1997). Logo em seguida, foi a vez de Deakins e Freel (1998) empregarem o termo na tentativa de verificar a contribuição da teoria da AO em pequenas e médias empresas.

Em síntese, nesse breve olhar histórico do surgimento da AE como tema de estudo, percebeu-se, na literatura internacional, o crescimento do interesse e das pesquisas até o final da década de noventa. Esse cenário se revelou recorrente após a virada do século, pois surgiram outros trabalhos que tinham como base essas primeiras reflexões dos teóricos mencionados.

A seguir, visando-se à continuidade do relato histórico sobre a Aprendizagem Empreendedora, serão apresentadas informações que descrevem a consolidação e o crescimento das pesquisas e que retratam as perspectivas que se destacaram nesse campo de estudo.

### **3 Perspectivas que se destacaram nas diferentes fases de estudo da temática**

O estudo da 'Aprendizagem Empreendedora' surgiu a partir da interseção de duas temáticas já existentes e amplamente desenvolvidas na produção acadêmica (empreendedorismo e aprendizagem), o que fez com que a temática carregasse em suas bases alguns pressupostos que vêm dos fundamentos das duas referidas áreas de estudo. Percebeu-se que, no início das pesquisas sobre a temática AE, predominava a perspectiva individual (Minniti & Bygrave, 2001; Rae, 2000; Rae & Carswell, 2000, 2001; Young & Sexton, 1997). Identificou-se também que era recorrente o emprego de fundamentos da aprendizagem, em uma perspectiva cognitiva, com base em autores como Bandura ou Piaget ou, então, experiencial, basicamente fundamentada nos estudos de Kolb (McHenry, 2008).

Nas seções seguintes, apresentam-se diferentes perspectivas utilizadas no decorrer do desenvolvimento da Aprendizagem Empreendedora enquanto tema de estudo. Objetiva-se com isso, construir um terreno que sustente a argumentação sobre a viabilidade de suplantar tais correntes teóricas com o emprego de uma nova possibilidade no estudo empírico desse campo.

#### **3.1 Perspectiva cognitiva**

Segundo essa perspectiva, o conhecimento é adquirido, retido e utilizado no processo de aprendizagem. O entendimento é de que a cognição recebe e organiza o conteúdo da aprendizagem, a qual é vista a partir de mudanças que podem ser consideradas um processo de adaptação cognitiva (Haynie, Shepherd, Mosakowski, & Earley, 2010; Haynie & Shepherd, 2009).

Young e Sexton (1997, p. 225) conceituaram a AE como “um processo ativo e cognitivo que os empreendedores empregam para adquirir, reter e usar o conhecimento empreendedor”. Esses autores são considerados os primeiros a caminhar em direção ao desenvolvimento da literatura sobre o tema em uma perspectiva puramente cognitiva. Minniti e Bygrave (2001) também parecem simpatizar com essa visão, mesmo que não o façam de forma explícita, pois consideraram o aprendizado empreendedor um processo dinâmico de escolha e de reconhecimento de oportunidades com base em um repertório disponível ao indivíduo.

E mesmo com o aparecimento (como será visto a seguir) de argumentos contrários ao uso dessa perspectiva para a pesquisa, percebe-se que a vertente cognitivista da AE se manteve vigente durante alguns anos (Erdélyi, 2010; Rae, 2006).

#### **3.2 Perspectiva experiencial**

Ao escrever sobre a aprendizagem pela experiência (*learning from experience*), Kolb (1984) introduziu seminalmente a perspectiva experiencial do aprendizado. Por isso, algum tempo após o surgimento da Aprendizagem Empreendedora, sendo sua investigação inicial conduzida em um enfoque cognitivo, apareceu uma possibilidade nova e complementar: a perspectiva experiencial (Politis, 2005). Isso ocorreu em virtude da aproximação dos pressupostos lançados por Kolb no âmbito da Aprendizagem Empreendedora. Passou-se a defender que a experiência dos empreendedores seria a base para o aprendizado, mas sem desconsiderar totalmente as teorias

cognitivas do aprendizado, pois tratou-se a cognição como um “estoque” daquilo que foi experienciado (McKeown, 2015; Rae & Carswell, 2000).

Esse novo olhar buscava um rompimento da predominância objetiva que havia sido importada do empreendedorismo e que pairava na pesquisa das ciências sociais (sobretudo na AE), procurando dar mais atenção ao processo de como as pessoas na realidade aprendem. Para isso, procurou-se realizar um contraponto com o pensamento que focava exclusivamente na identificação de traços e de características dos empreendedores, utilizando-se de uma abordagem centrada nas histórias de vida (*life stories*) (Rae, 2000; Rae & Carswell, 2000, 2001).

Na virada do século, a perspectiva experiencial achou um terreno fértil para crescer dentro da AE. Foi quando surgiu o trabalho de Cope e Watts (2000), que argumentavam a favor do aprendizado pelo fazer (*learning by doing*). E mesmo que não se possa afirmar que esses autores haviam aderido à perspectiva experiencial, nesse trabalho eles consideraram que era por meio de determinados eventos/episódios que se dava o aprendizado dos empreendedores - o que parece ter influenciado, um pouco mais tarde, Diamanto Politis a caminhar em direção ao amadurecimento (e consolidação) da perspectiva experiencial em AE.

Partindo do pressuposto de que a natureza do aprendizado é experiencial, Politis endereçou uma crítica às pesquisas até então realizadas em AE ao afirmar que havia um olhar estático no processo de Aprendizagem Empreendedora, uma vez que a lógica predominante era a “de explicação da relação causal entre a experiência do empreendedor e o desempenho de seu empreendimento” (Politis, 2008, p. 45). Ela passou a defender a tese de que a AE deveria ser vista como “um processo experiencial em que a experiência pessoal do empreendedor é transformada em conhecimento que pode ser usado para guiar escolhas de novas experiências” (Politis, 2008, p. 53).

Essa nova visão sobre o fenômeno ocorria ainda a partir de um enfoque individual na busca de entendimento da AE. Porém, esse enfoque não era predominante no campo, pois mesmo destacando-se o indivíduo como ator da aprendizagem, havia o reconhecimento do aspecto social nesse processo. Rae e Carswell (2000, p. 224) já haviam conceituado a Aprendizagem Empreendedora “como um contínuo processo social de aprendizado individual”.

Mesmo com o surgimento de uma corrente centrada na investigação da Aprendizagem Empreendedora em uma perspectiva experiencial (individual) - sugerindo uma complementariedade à corrente cognitivista - pareceu que surgiria uma nova possibilidade de lançar-se um olhar social sobre esse fenômeno quando Rae e Carswell afirmaram que “as relações sociais são fundamentais no aprendizado e na prática do empreendedorismo” (2001, p. 157).

Nesse momento, os estudos sobre a Aprendizagem Empreendedora distanciavam-se cada vez mais do olhar individual com o enfoque cognitivo (e puramente experiencial) e ampliavam-se as possibilidades de abertura para novas perspectivas no campo de estudo.

### 3.3 Perspectiva social

Em meados 2004, como resultado de considerar-se o aspecto social na aprendizagem dos empreendedores, surgiu um modelo elaborado por Rae (2004), baseado na teoria da aprendizagem social de Wenger (1998). Nesse artigo, Rae revelou o seu descontentamento com a forma que as pesquisas até então vinham sendo conduzidas e destacou que essa insatisfação decorria do fato de que eram centradas na questão cognitivista, dentro de um paradigma individual e não social da aprendizagem. Assim, o autor adotou uma perspectiva social e construcionista da Aprendizagem Empreendedora (Rae, 2005, 2006). Logo em seguida, outros autores uniram-se a ele nessa visão e passaram a considerar também a natureza social da AE (Cope & Hamilton, 2005; Pittaway & Cope, 2007).

Esse enfoque social sobre a AE considerava o indivíduo um ator social e o conhecimento uma construção social de significado. Nessa perspectiva, o foco do aprendizado está nas interações, não sendo visto como uma atividade cognitiva, dado que “os seres humanos são socialmente interativos

e, que devido à sua natureza, se engajam em atividades sociais com seus contemporâneos e aprendem de seus antecessores” (McHenry, 2008, p. 77). Ao enfatizar a natureza social da aprendizagem, esses pressupostos definem a Aprendizagem Empreendedora como um tipo específico de aprendizado.

Diante das mudanças ocorridas (e de novas possibilidades) no estudo do processo da Aprendizagem Empreendedora, notou-se a busca da superação do enfoque individual tendo-se em vista a proposta de análise da aprendizagem como fenômeno social. Também se percebeu um movimento para a suplantação das perspectivas cognitiva e experiencial na medida em que surgia e crescia a visão social da Aprendizagem Empreendedora. E, até mesmo nos meios em que ainda se utiliza a perspectiva cognitivista, existe o reconhecimento da necessidade de ir além da investigação do empreendedor em nível individual, avançando-se na exploração do comportamento desse ator no ambiente social em que ele interage (Akinci, 2015).

Por isso que se identificou que os aspectos sociais da Aprendizagem Empreendedora foram sendo cada vez mais considerados e explorados. Jayawarna, Jones e Macpherson (2015) questionaram o papel da infância e da adolescência no tornar-se empreendedor e concluíram que existe uma influência dessas diferentes fases da vida na ação de empreender. Ou seja, para os autores, família, amigos, formação escolar, seja básica e/ou superior, possuem um importante papel na promoção do empreendedorismo ao contribuírem com a preparação empreendedora.

Percebe-se um direcionamento das pesquisas em direção à adoção de um enfoque social da aprendizagem (Rae & Wang, 2015). Isso decorre da observação histórica das diferentes fases em que a Aprendizagem Empreendedora teve o seu desenvolvimento no campo acadêmico por meio da identificação das perspectivas utilizadas nesse período. Porém, convém destacar que essa é uma leitura baseada em um cenário que até então não incluía a realidade brasileira no que diz respeito à produção de conhecimento nessa área.

Diante disso, questiona-se: como ocorreu (e ainda ocorre) o envolvimento da comunidade acadêmica nacional com essa temática? E, para trazer algum esclarecimento sobre essa questão, a seção seguinte apresenta o quadro histórico do desenvolvimento da Aprendizagem Empreendedora no Brasil.

### **3.4 E na literatura nacional, como foi? O que está acontecendo?**

Comparado ao que ocorreu na literatura internacional, houve diferenças significativas tanto no surgimento quanto no crescimento do campo de estudo da AE na literatura nacional. No Brasil, durante o I Encontro de Estudos sobre Empreendedorismo e Gestão de Pequenas Empresas – EGEPE, Gomes (2000) buscou, por meio de um ensaio teórico, relacionar o tema da aprendizagem com o empreendedorismo, porém, sem empregar a literatura disponível sobre Aprendizagem Empreendedora como conceito já desenvolvido por alguns autores internacionais naquele período. Situação semelhante ocorreu anos mais tarde, na quinta edição desse mesmo congresso, quando Guardani e Romito (2008) apresentaram uma análise da forma como os gestores de microempresas aprenderam a administrar seus negócios. Eles também não se utilizaram de uma base teórica de AE que, naquela época, já se encontrava em um estágio avançado de desenvolvimento.

O referido cenário mudou somente a partir de 2010, com a defesa da primeira dissertação de mestrado sobre o tema (Zampier, 2010), que resultou, um ano depois, em uma publicação em periódico (Zampier & Takahashi, 2011) e, um pouco mais tarde, na segunda dissertação de mestrado dedicada à Aprendizagem Empreendedora (Fiala, 2012). O ano de 2012 também foi marcado pela aparição de outros trabalhos (Gois & Machado, 2012; Zampier e Takahashi, 2012). A partir de 2013, apresentou-se mais uma dissertação (Sacramento, 2013), bem como ocorreram apresentações de artigos endereçados ao tema em eventos acadêmicos (Da Silva e Teixeira, 2013; Dias & Martens, 2014; Minello et al., 2014). Nesse período, também foi publicado um artigo da autora que desenvolveu primeiramente a temática de forma empírica no cenário nacional anos antes (Zampier & Takahashi, 2014). Ainda em 2014, houve também outro trabalho sobre AE, fruto de pesquisa de

mestrado (Silva, 2014). Porém, essas pesquisas se caracterizam, basicamente, pelo emprego de bases teóricas internacionais das fases iniciais da Aprendizagem Empreendedora.

Mais recentemente, em meados do ano de 2015, registrou-se o maior desenvolvimento de referências na literatura sobre o tema na esfera nacional no período de um ano, mas ainda sem ‘novidades teóricas’. Publicaram-se artigos em periódicos (Andrade & Olave, 2015; Leite & Dias, 2015; Oliveira & Marescotti, 2015); houve a apresentação de um trabalho em evento (Minello et al., 2015) e defendeu-se a primeira tese de doutorado dedicada ao tema (Dias, 2015). Ou seja, verificou-se um crescimento exponencial das pesquisas relativas ao tema. No entanto, não houve ‘crescimento progressivo’ das pesquisas. Em 2016, a produção voltou a índices considerados ‘normais’, como nos anos anteriores, ou seja, com poucas publicações anuais (Carlos & Yokomizo, 2016; Dias & Martens, 2016; Fortes et al., 2016), chegando ao ponto de haver apenas uma, em 2017 (Silva et al., 2017), fruto de uma dissertação defendida alguns anos antes.

Nesse histórico da produção de conhecimento sobre AE no cenário brasileiro, chama a atenção o fato de existir apenas uma reprodução daquilo que está sendo desenvolvido ‘lá fora’, especialmente utilizando-se dos modelos teóricos conceituais criados por autores, como Rae e Politis, e a base teórica de outros, como Cope e Pittaway. Diante dessa realidade, sugere-se aumentar os debates nacionais sobre a AE para que se caminhe em direção ao emprego da perspectiva social não somente com a repetição do que tem sido desenvolvido fora do contexto brasileiro, mas com a finalidade de verificar o processo da Aprendizagem Empreendedora no Brasil com destaque para as particularidades desse ambiente e dos empreendedores que o compõe.

Além do próprio contexto nacional, também se questiona: quais seriam as possibilidades e os direcionamentos que a Aprendizagem Empreendedora, de forma geral, enquanto tema de pesquisa, vai trilhar nos próximos anos? A próxima seção apresenta alguns argumentos que estimulam uma reflexão sobre prováveis respostas a esse questionamento. Acredita-se que já existam alguns indícios do que está por vir, em um futuro próximo.

#### **4 Em direção às novas possibilidades nesse campo de estudo**

Como relatado acima, existem possibilidades de ampliar a pesquisa em AE no cenário nacional com o emprego de um enfoque que suplemente o que até então tem sido adotado. Porém, essa oportunidade também vale para o próprio campo de estudo internacional em AE, principalmente pelo fato de que além da natureza social e situada da aprendizagem de empreendedores, a relevância da prática (enquanto conceito utilizado nos Estudos Baseados na Prática – EBP) tem aparecido em alguns estudos que se dedicam à investigação desse tipo de aprendizagem. Ou seja, a afirmação de que existem “*new perspectives in research*” dentro desse campo de estudo se aplica ao atual momento, pois há sinais de que essas novas perspectivas já estão se revelando (Rae & Wang, 2015).

Isso decorre também do fato de que a AE precisa ser vista de forma holística, como afirmam Klapper e Refai (2015), dado que o indivíduo que aprende e empreende é um ser multifacetado, faz parte de uma coletividade, de um contexto, de uma localidade e é motivado por diferentes objetivos. Por isso, novamente a teoria social da aprendizagem parece coerente com esse desafio, especialmente por propor que se observe esse fenômeno por meio de diferentes dimensões: a) *learning by doing* (que representa a noção de prática), b) *learning as experiencing* (representando a construção de significado na experiência), c) *learning as becoming* (representa a identidade daquele que aprende) e o d) *learning as belonging* (representando a questão de pertencimento, como a uma comunidade) (Wenger, 2009).

Constata-se que, na observação de alguns exemplos recentes de pesquisas que enfatizam o social, o coletivo e também o situado em AE, como de McKeown (2015), existe uma disposição para o emprego do aprendizado como algo que ocorre em uma comunidade específica e inseparável de práticas diárias como apontaram Lave e Wenger (1991). Isso também aparece em D’Souza-Mathew, Pickard, Pickard e Gold (2015) quando afirmam que qualquer entendimento da AE deve levar em consideração as experiências de práticas situadas em uma comunidade. Terzieva (2016), com o

turismo, bem como Rossignoli, Lionzo e Lassini (2016) exploraram, da mesma forma, o conceito de comunidades de práticas na relação com a AE em pequenas e médias empresas com destaque para o papel da família no processo de aprendizagem. Hafeez et al. (2018) investigaram o uso das redes sociais (comunidades virtuais) pelos empreendedores para interagir e compartilhar experiências e informações. Ou seja, considera-se a AE como um processo que ocorre nas práticas diárias, pelo observar, fazer, falar e, inclusive, pelo compartilhar histórias.

Em outros exemplos de estudos publicados, isso não tem sido diferente. Cannavacciuolo, Iandoli, Ponsiglione e Zollo (2017), ao analisar o impacto de práticas rotineiras na aprendizagem, assumiram que a interação social no ambiente em que os empreendedores operam agrega conhecimento e que esse ambiente inclui cultura, participação em uma comunidade de prática e também em redes de relacionamento com parceiros. Kubberød e Pettersen (2017) observaram a geração de conhecimento por meio de um aprendizado contextual (situado), que ocorre em uma experiência social. Esses autores afirmam que alunos de programas de educação empresarial em contextos internacionais (os chamados *masters*) podem ter experiências reais (ou seja práticas) de Aprendizagem Empreendedora. Secundo, Del Vecchio, Schiuma e Passiante (2017) também defendem essa ideia ao denominar o processo de ‘ativação do processo de Aprendizagem Empreendedora’. Esses autores relataram que, na busca da transformação de ideias em realizações empreendedoras, os alunos se integraram a diversos atores (sociais) por meio de atividades que geravam algum tipo de aprendizado e, conseqüentemente, a um resultado – seja esse um produto, uma inovação ou, até mesmo, uma nova organização.

Assim, entre esse conjunto de exemplos que poderiam ser citados para demonstrar como a perspectiva social tem sido empregada e que existe uma tendência de que sejam considerados aspectos das práticas em estudos endereçados à AE, Rae (2017) também merece destaque. Ele é um dos autores mais proeminentes na pesquisa em AE e trouxe consideráveis contribuições ao tema ao introduzir a perspectiva social da Aprendizagem Empreendedora. Mas, nesse trabalho, a notoriedade fica por conta do emprego da teoria da participação periférica legítima (*Legitimate Peripheral Participation - LPP*) de Wenger e de comunidades de prática deste autor em conjunto com Lave (Lave & Wenger, 1991; Wenger, 1998).

Como resultado do movimento inicial que empregou novas possibilidades nesse campo de estudo, questiona-se sobre a viabilidade da investigação da Aprendizagem Empreendedora no cenário nacional com a utilização de vertentes teóricas dos EBP. Diante dessa potencial oportunidade, a seguir, além de apresentarem-se alguns argumentos visando esclarecer a perspectiva que centraliza a investigação nas práticas e nas suas relações, argumenta-se recomendando observar, nas teorias da prática, uma possibilidade de perspectiva teórico-metodológica para a pesquisa em AE, especialmente no cenário nacional.

#### **4.1 Contribuição das teorias da prática como perspectiva teórico-metodológica**

Para um entendimento geral sobre as teorias da prática, faz-se necessário um olhar histórico sobre o tema a fim de que se perceba que a prática, enquanto objeto de análise, foi ‘deixada de lado’ na análise organizacional durante muito tempo. Por isso, fala-se em “retorno da prática” (Gherardi, 2012; Gherardi, 2006; Schatzki, 2002), uma vez que se passa a considerar possível entender o mundo social a partir de sua observação, investigação e análise.

O movimento de colocar a prática como objetivo de análise apareceu inicialmente com Ortner (1984). A autora cita que teóricos como Karl Marx, Pierre Bourdieu, Anthony Giddens e Marshall Sahlins fizeram parte da construção das bases das teorias da prática. Afirmou que no desenvolvimento teórico desses autores existia um olhar para o “*on the ground*” em referência à vida concreta (Ortner, 1984, p. 143). Reckwitz (2002), ao realizar um resgate dos principais teóricos que construíram os fundamentos das teorias da prática, adicionou outros a essa relação, como: John Dewey, Charles Taylor e Judith Butler. Mais tarde, Nicolini (2012) cita que também fazem parte desse conjunto de



teóricos que deixaram uma herança para as teorias da prática: Friedrich Nietzsche, Martin Heidegger e Ludwig Wittgenstein. Na mesma intenção de apontar os fundamentos das teorias da prática, Gherardi (2006) descreve que alguns desses autores fizeram parte das raízes filosóficas do conceito de prática (Marx, Heidegger e Wittgenstein) e, que outros, nas raízes sociológicas (Bourdieu, Giddens e, diferente dos demais, adiciona Harold Garfinkel como autor que também deixou uma herança para a composição das teorias da prática). Ou seja, existe uma série de autores e pressupostos teóricos que dão base para a teorização a partir do olhar sobre a prática.

Esse regresso oportunizou uma ruptura radical com as formas de compreender as questões sociais, pois oferece alternativas para as ciências sociais ao colaborar com o avanço da compreensão de diferentes fenômenos organizacionais (Nicolini, 2012). Teóricos da prática acreditam que ela pode ser estabelecida como unidade de análise para o estudo dos assuntos organizacionais, podendo contribuir com a teoria das organizações (Gherardi, 2006; Gherardi, 2012; Nicolini, 2012; Schatzki, 2002), principalmente pelo fato de que, como apontou Nicolini, a teorização organizacional se tornou demasiadamente abstrata e distanciada das atividades concretas que se propunha a descrever.

Nas últimas décadas, nota-se que o exame das organizações como entidades (coisas) ou, então, como discursos teóricos, tem migrado para o estudo das organizações como um processo social (Nicolini, 2012). Isso cria um terreno fértil para as teorias da prática, especialmente por sua capacidade de fornecer uma visão processual das questões organizacionais e de colocar em primeiro plano o papel central das atividades humanas. Por isso, defende-se aqui a proposta da aplicação teórico-metodológica dos EBP em AE.

As teorias da prática são inerentemente relacionais e veem o mundo como um conjunto contínuo, com nexos e alianças de práticas (Gherardi, 2012; Nicolini, 2012). Em sua constituição, encontra-se a tentativa de romper com teorias que comportam dualidades, pois aponta-se como vantagem que uma visão do social (baseada na prática) possibilita dissolver (e não resolver) os dualismos entre ator/sistema, social/material, corpo/mente e teoria/ação (Gherardi, 2006). A teoria da prática é, segundo Reckwitz (2002), uma alternativa conceitual para a análise do social e que leva em consideração o que foi e tem sido feito. Porém, deve-se frisar: de forma holística, e não apenas de forma descritiva.

Teóricos que se dedicam a esse enfoque acadêmico, como Nicolini (2012) e Gherardi (2006, 2012) desejam oferecer uma visão geral das teorias contemporâneas da prática ilustrando como elas podem contribuir na compreensão das organizações e também de outros fenômenos sociais. Por isso, afirmam que as práticas precisam ser tematizadas e transformadas em objetos de análise para ser examinadas como entidades (ou seja, alguma coisa que existe).

Em síntese, no que se refere ao emprego de uma perspectiva da prática para o estudo da AE, como visto anteriormente, nota-se que já existem alguns exemplos que caminharam em direção a isso ao utilizarem os conceitos de comunidades de prática e do aprendizado situado. Porém, como já existe literatura consolidada que aborda a aprendizagem na prática (Gherardi & Strati, 2014), tem-se a oportunidade de investigar esse tipo específico de aprendizagem – a empreendedora - com base em pressupostos, como o conceito de *Knowing in practice* (Strati, 2003; Gherardi, 2009; 2012; Gherardi & Strati, 2014).

As teorias da prática podem ser utilizadas como lentes teórico-metodológicas porque disponibilizam um vocabulário que descreve as diferentes práticas do mundo social a partir da sua constituição por meio de um conjunto de atividades, compostas por ações carregadas de significado. Essas ações possuem a característica de ser formadas por operações, concebidas como a unidade básica da ação humana (Nicolini, 2012, p. 108). Elas ocorrem no espaço e no tempo, possuem uma natureza que é, ao mesmo tempo, estática e fluida, na medida em que é mutável, bem como envolvem elementos humanos e não humanos.

Metodologicamente, um EBP sugere que, empiricamente, se realize um *zoom in* e *zoom out* para o estudo das práticas (Nicolini, 2010) e que se observem diferentes elementos como: os *sayings* e os *doings*; na ordem interacional; no tempo e no espaço. Propõe ainda que se considere: a

coreografia corporal, as ferramentas e os artefatos assim como os aspectos mediadores do trabalho, os interesses práticos, as tensões entre criatividade e normatividade, bem como os processos de legitimação e de padronização. E, para cada um desses atributos, como elementos que devem ser observados nos estudos baseados na prática, Nicolini (2012, p. 220) exemplifica, por meio de questões, que estes possuem a finalidade de sensibilizar o pesquisador para a possibilidade de construir um caminho em direção ao entendimento do fenômeno – ou seja, da(s) prática(s) observada(s).

Como já existe uma abertura do campo na esfera internacional, mesmo que isso seja recente, aponta-se para um horizonte que se releva promissor. Por isso, percebem-se possibilidades e oportunidades de avanço em direção à solidificação do emprego da lente das práticas em pesquisas sobre a Aprendizagem Empreendedora.

## 5 Considerações finais

Na medida em que se buscou apresentar o surgimento da Aprendizagem Empreendedora como tema de pesquisa, sua consolidação enquanto campo de estudo e também como ocorreu o crescimento das pesquisas sobre essa temática, adquiriu-se uma visão geral que permitiu apresentar as principais perspectivas teóricas utilizadas na investigação da Aprendizagem Empreendedora.

Dentre essas perspectivas, sobressaem-se a cognitiva, a experiencial e a social. Cada uma delas contribuiu para a compreensão do processo de aprendizagem empreendedora de acordo com os seus pressupostos específicos e também serviu como base para a perspectiva que surgiu para suplantar o entendimento até então vigente. Identificou-se que houve uma busca de superação de um pensamento por outro, mas sem desconsiderar totalmente as premissas da base teórica antecedente.

A partir do mapeamento da condução das pesquisas sobre a AE no cenário internacional, questionou-se a forma de conduzir as pesquisas sobre essa temática na literatura nacional. Notou-se que a pesquisa em Aprendizagem Empreendedora no Brasil é incipiente, se comparada ao que vem sendo desenvolvido internacionalmente. Verificou-se que não há um volume considerável de pesquisas dedicadas ao tema Aprendizagem Empreendedora no cenário acadêmico nacional. As poucas pesquisas que existem configuram-se como uma aplicação de modelos conceituais desenvolvidos 'lá fora', especialmente com o emprego das perspectivas cognitiva e experiencial. Portanto, não existe um desenvolvimento teórico relativo ao contexto nacional e que dê ênfase a elementos sociais desse tipo específico de aprendizagem.

A investigação realizada também buscou revelar quais seriam as novas possibilidades dentro desse campo de pesquisa, seja nacional ou internacionalmente. Identificou-se que o emprego de uma lente para examinar como ocorre a aprendizagem do empreendedor a partir das teorias da prática aparece como uma inclinação para as futuras pesquisas sobre esse tema. Atribuiu-se esse interesse ao fato de que a Aprendizagem Empreendedora, enquanto tema de pesquisa, requer o afastamento do enfoque puramente individual e que se considere a dimensão coletiva desse fenômeno para observar a atuação do indivíduo que empreende e aprende (e vice-versa) em uma rede de diferentes práticas e atividades.

Portanto, argumenta-se em prol de uma perspectiva da prática que busque continuamente o entendimento da aprendizagem em sua dimensão coletiva e do desenvolvimento de uma agenda de pesquisas que se aproximem dessa vertente (que não é somente teórica, mas também metodológica), visando enriquecer o campo de estudo da Aprendizagem Empreendedora, especialmente no cenário nacional. Acredita-se que, com isso, se desenvolverá conhecimento sobre como ocorre o processo de Aprendizagem Empreendedora e com quais conhecimentos os empreendedores se envolvem (ou se envolverão) na medida em que se preparam para ou exercem a prática do empreendedorismo. Os resultados desses estudos poderão ser disponibilizados para atuais e futuros empreendedores, assim como para educadores, possibilitando-lhes aperfeiçoar práticas voltadas à educação empreendedora.



## Referências

- Agbim, K. C., Owutuamor, Z. B., & Oriarewo, G. O. (2013). Entrepreneurship Development and Tacit Knowledge: Exploring the Link between Entrepreneurial Learning and Individual Know-How. *Journal of Business Studies Quarterly*, 5(2), 112-129.
- Akinci, C. (2015). Entrepreneurial learning through intuitive decision making. In D. Rae & C. L. Wang (Eds.), *Entrepreneurial Learning: New perspectives in research, education and practice* (pp. 72-91). New York: Routledge Taylor & Francis Group.
- Andrade, J. R. G., & Olave, M. E. L. (2015). Aprendizagem empreendedora experiencial: estudo de múltiplos casos de pequenos empreendedores sergipanos. *Revista Da Micro E Pequena Empresa*, 9(2), 44-60.
- Baumol, W. J. (1968). *Entrepreneurship in economic theory*. Paper presented at the Annual Meeting of the American Economic Association, Chicago.
- Busenitz, L. W., Plummer, L. A., Klotz, A. C., Shahzad, A., & Rhoads, K. (2014). Entrepreneurship Research (1985-2009) and the Emergence of Opportunities. *Entrepreneurship Theory and Practice*, 38(5), 981-1000.
- Bygrave, W. D. (2009). The Entrepreneurial Process. In W. D. Bygrave & A. Zacharakis (Eds.), *The Portable MBA in Entrepreneurship* (4 edition ed., pp. 1-26): John Wiley & Sons, Inc.
- Cannavacciuolo, L., Iandoli, L., Ponsiglione, C., & Zollo, G. (2017). Learning by failure vs learning by habits: Entrepreneurial learning micro-strategies as determinants of the emergence of co-located entrepreneurial networks. *International Journal of Entrepreneurial Behaviour and Research*, 23(3), 524-546.
- Carlos, E. d. A., & Yokomizo, C. A. (2016). *Ensino e Aprendizagem Empreendedora: Oportunidades de Melhoria no Processo de Desenvolvimento de Competências Empreendedoras*. Paper presented at the XXIX Simpósio de Gestão da Inovação Tecnológica, São Paulo.
- Cope, J., & Hamilton, E. (2005). *Toward a theory of socially situated entrepreneurial learning*. Paper presented at the British Academy of Management Conference, Oxford.
- Cope, J., & Watts, G. (2000). Learning by doing – An exploration of experience, critical incidents and reflection in entrepreneurial learning. *International Journal of Entrepreneurial Behaviour & Research*, 6(3), 104-124.
- D'Souza-Mathew, M., Pickard, R., Pickard, H., & Gold, J. (2015). The Struggle for Product Development and Innovation in a Family-Owned Business: A knowledge transfer partnership approach In D. RAE & C. L. WANG (Eds.), *Entrepreneurial Learning: New perspectives in research, education and practice* (pp. 194-215). New York: Routledge Taylor & Francis Group.
- Da Silva, J. D., & Teixeira, R. M. (2013). *Aprendizagem Empreendedora: Um Estudo de Casos Múltiplos com Empreendedores Sociais de Aracaju – Sergipe*. Paper presented at the XVI SemeAd, São Paulo.
- Deakins, D., & Freel, M. (1998). Entrepreneurial learning and the growth process in SMEs. *The Learning Organization*, 5(3), 144-155.
- Dias, T. R. F. V. (2015). *Aprendizagem empreendedora em contexto de insucesso empresarial: estudo com empreendedores de micro e pequenas empresas*. (Doutorado em Administração), Universidade Nove de Julho, São Paulo.



- Dias, T. R. F. V., & Martens, C. D. P. (2014). *Aprendizagem Empreendedora e Conhecimento Empreendedor em Contexto de Insucesso Empresarial: Proposições Preliminares*. Paper presented at the XXXVIII EnANPAD, Rio de Janeiro.
- Dias, T. R. F. V., & Martens, C. D. P. (2016). Competências e Aprendizagem Empreendedora no Contexto de Insucesso Empresarial: Proposição de um Modelo Conceitual. *Desenvolvimento em Questão*, 14(33), 172-202.
- Erdélyi, P. (2010). *The Matter of Entrepreneurial Learning: A Literature Review*. Paper presented at the International Conference on Organizational Learning, Knowledge and Capabilities - OLKC, Boston.
- Festervand, T. A., & Forrest, J. E. (1993). Entrepreneurial Preparedness: A Multi-Stage Model. *Journal of Business and Entrepreneurship*, 5(3).
- Fiala, N. (2012). *As incubadoras como instrumento effectual de aprendizagem do empreendedorismo*. (Mestrado), Fundação Getúlio Vargas, São Paulo.
- Fortes, G. P., Lopes, C. C. S., & Teixeira, R. M. (2016). Aprendizagem empreendedora para inovação: Estudo de casos de pequenas empresas do programa ALL. *Revista Pensamento Contemporâneo em Administração*, 10(3), 82-99.
- Gartner, W. B. (1988). "Who is an Entrepreneur?" Is the Wrong Question. *American Journal of Small Business*, 12(4), 11-32.
- Gherardi, S. (2006). *Organizational Knowledge: The Texture of Workplace Learning*. Oxford: BlackWell Publishing.
- Gherardi, S. (2012). *How to conduct a practice-based study: Problems and methods*. Cheltenham: Edward Elgar Publishing.
- Gherardi, S., & Strati, A. (2014). *Administração e aprendizagem na prática*. Rio de Janeiro: Elsevier.
- Gois, P. H. d., & Machado, H. P. V. (2012). Uma abordagem sobre o papel das redes para pequenas empresas e sobre os efeitos no aprendizado de empreendedores. *Revista de Empreendedorismo e Gestão de Pequenas Empresas - REGEPE*, 1(1).
- Gomes, V. (2000). *Empreendedorismo nas organizações que aprendem. Considerações sobre a dicotomia: Ensino versus aprendizado do empreendedorismo*. Paper presented at the I Encontro de Estudos sobre Empreendedorismo e Gestão de Pequenas Empresas - EGEPE, Maringá.
- Guardani, F., & Romito, F. (2008). *O Processo de Aprendizagem dos Empreendedores: uma Análise da Forma como Gestores de Micro Empresas Aprenderam a Administrar seus Negócios*. Paper presented at the V Encontro de Estudos sobre Empreendedorismo e Gestão de Pequenas Empresas - EGEPE, São Paulo.
- Harrison, R. T., & Leitch, C. M. (2008). *Entrepreneurial Learning: Conceptual frameworks and applications* (R. T. Harrison & C. M. Leitch Eds.). New York: Routledge Taylor & Francis Group.
- Hafeez, K., Foroudi, P., Nguyen, B., Gupta, S., & Alghatas, F. (2018). *How do entrepreneurs learn and engage in an online community-of-practice? A case study approach*. *Behaviour & Information Technology*, 37(7), 714-735.
- Haynie, J. M., Shepherd, D., Mosakowski, E., & Earley, P. C. (2010). A situated metacognitive model of the entrepreneurial mindset. *Journal of Business Venturing*, 25(2), 217-229.
- Haynie, M., & Shepherd, D. A. (2009). A measure of adaptive cognition for entrepreneurship research. *Entrepreneurship Theory and Practice*, 33(3), 695-714.



- Jayawarna, D., Jones, O., & Macpherson, A. (2015). Becoming an Entrepreneur: The unexplored role of childhood and adolescent human capital. In D. RAE & C. L. WANG (Eds.), *Entrepreneurial Learning: New perspectives in research, education and practice* (pp. 45-71). New York: Routledge Taylor & Francis Group.
- Kirzner, I. M. (1973). *Competition and Entrepreneurship*. Chicago: University of Chicago Press.
- Klapper, R. G., & Refai, D. (2015). A gestalt model of entrepreneurial learning. In D. Rae & C. L. Wang (Eds.), *Entrepreneurial Learning: New perspectives in research, education and practice* (pp. 156-177). New York: Routledge Taylor & Francis Group.
- Kolb, D. A. (1984). *Experiential learning: experience as the source of learning and development*: Prentice Hall.
- Kubberød, E., & Pettersen, I. B. (2017). Exploring situated ambiguity in students' entrepreneurial learning. *Education + Training*, 59(3), 265-279.
- Kuratko, D. F., Morris, M. H., & Schindehutte, M. (2015). Understanding the dynamics of entrepreneurship through framework approaches. *Small Business Economics*, 45(1), 1-13.
- Lamont, L. M. (1972). What entrepreneurs learn from experience. *Journal of Small Business Management*, 10, 36-41.
- Landström, H., Harirchi, G., & Åström, F. (2012). Entrepreneurship: Exploring the knowledge base. *Research Policy*, 41(7), 1154-1181.
- Lant, T. K., & Mezias, S. J. (1990). Managing discontinuous change: a simulation study of organizational learning and entrepreneurship. *Strategic Management Journal*, 11(Special Issue), 147-179.
- Lave, J., & Wenger, E. (1991). *Situated learning: Legitimate peripheral participation*. Cambridge: University Press.
- Leite, E. D., & Dias, C. N. (2015). Aprendizagem empreendedora para o desenvolvimento de regiões brasileiras: o fomento de competências na formação acadêmica do Instituto Federal de Brasília. *Negócios em Projeção*, 6(1), 204-220.
- McClelland, D. C. (1972). *A sociedade competitiva realização e progresso social*: Expressão e Cultura.
- McHenry, J. (2008). The role and management of learning from experience in an entrepreneurial context. In R. T. Harrison & C. M. Leitch (Eds.), *Entrepreneurial Learning: Conceptual Frameworks and Applications* (pp. 72-91). New York: Routledge Taylor & Francis Group.
- McKeown, I. (2015). Entrepreneurial learning in small firm management teams. In D. Rae & C. L. Wang (Eds.), *Entrepreneurial Learning: New perspectives in research, education and practice* (pp. 178-193). New York: Routledge Taylor & Francis Group.
- Minello, I. F., Scherer, I. B., & Ramos, J. L. G. (2014). *A Perspectiva da Aprendizagem Empreendedora diante do Insucesso Empresarial*. Paper presented at the XVII SemeAd, São Paulo.
- Minello, I. F., Scherer, I. B., & Ramos, J. L. G. (2015). *A Perspectiva da Aprendizagem Empreendedora diante do Insucesso Empresarial*. Paper presented at the XXXIX EnANPAD, Belo Horizonte.
- Minniti, M., & Bygrave, W. (2001). A Dynamic Model of Entrepreneurial Learning. *Entrepreneurship Theory and Practice*, 25(3), 5-16.
- Moroz, P. W., & Hindle, K. (2012). Entrepreneurship as a process: Toward harmonizing multiple perspectives. *Entrepreneurship Theory and Practice*, 36(4), 781-818.



- Murphy, J. (1993). Self-Evaluation & Effectiveness Review for Entrepreneurial Learning and Decision Making. *Journal of Enterprising Culture*, 01(01), 109-131.
- Nicolini, D. (2012). *Practice theory, work, and organization: An introduction* (1. ed ed.). Oxford: University Press.
- Oliveira, J. G. d., & Marescotti, E. (2015). A aprendizagem empreendedora no contexto da educação formal, informal e não-formal: Teorias e interpretações relacionadas às práticas didático-pedagógicas. *Revista Eletrônica Debates em Educação Científica e Tecnológica*, 5(01), 131-146.
- Ortner, S. B. (1984). Theory in Anthropology Since the Sixties. *Comparative Studies in Society and History*, 26(1), 126-166.
- Pittaway, L., & Cope, J. (2007). Simulating entrepreneurial learning: Integrating experiential and collaborative approaches to learning. *Management Learning*, 38(2), 211-233.
- Politis, D. (2005). The process of entrepreneurial learning: A conceptual framework. *Entrepreneurship Theory and Practice*, 29(4), 399-424.
- Politis, D. (2008). The process of entrepreneurial learning: a conceptual framework. In R. T. Harrison & C. M. Leitch (Eds.), *Entrepreneurial Learning: Conceptual Frameworks and Applications* (pp. 44-71). New York: Routledge Taylor & Francis Group.
- Rae, D. (2000). Understanding entrepreneurial learning: a question of how? *International Journal of Entrepreneurial Behaviour & Research*, 6(3), 145-159.
- Rae, D. (2004). Entrepreneurial learning: a practical model from the creative industries. *Education + Training*, 46(8/9), 492-500.
- Rae, D. (2005). Entrepreneurial learning: a narrative-based conceptual model. *Journal of Small Business and Enterprise Development*, 12(3), 323-335.
- Rae, D. (2006). Entrepreneurial learning: A conceptual framework for technology-based enterprise. *Technology Analysis & Strategic Management*, 18(1), 39-56.
- Rae, D. (2017). Entrepreneurial learning: peripherality and connectedness. *International Journal of Entrepreneurial Behaviour and Research*, 23(3), 486-503.
- Rae, D., & Carswell, M. (1999). *Understanding entrepreneurial learning: development of a conceptual model and its application in the design of more effective learning experiences*. Paper presented at the 22nd ISBA National Small Firms Policy And Research Conference, Leeds.
- Rae, D., & Carswell, M. (2000). Using a life-story approach in researching entrepreneurial learning: the development of a conceptual model and its implications in the design of learning experiences. *Education + Training*, 42(4/5), 220-227.
- Rae, D., & Carswell, M. (2001). Towards a conceptual understanding of entrepreneurial learning. *Journal of Small Business and Enterprise Development*, 8(2), 150-158.
- Rae, D., & Wang, C. L. (2015). *Entrepreneurial Learning: New perspectives in research, education and practice* (D. Rae & C. L. Wang Eds.). New York: Routledge Taylor & Francis Group.
- Reckwitz, A. (2002). Toward a Theory of Social Practices: a development in culturalist theorizing. *European Journal of Social Theory*, 5(2), 243-263.
- Rosignoli, F., Lionzo, A., & Lassini, U. (2016). *Entrepreneurial learning in family SMEs: The role of family in communities of practice*. Paper presented at the 17th European Conference on Knowledge Management - ECKM, Belfast.



- Sacramento, P. M. (2013). *Inovação e aprendizagem empreendedora: estudo de casos múltiplos em empresas turísticas de pequeno e médio porte da cidade de Aracaju*. (Mestrado), Universidade Federal do Sergipe, São Cristóvão.
- Schaefer, R., & Minello, Í. F. (2017). A Formação de Novos Empreendedores: Natureza da Aprendizagem e Educação Empreendedoras. *Revista da Micro e Pequena Empresa*, 11(3), 2-20.
- Schatzki, T. R. (2002). *Site of the social: A philosophical account of the constitution of social life and change*. University Park, PA: Pennsylvania State University Press.
- Scherer, R. F., Adams, J. S., & Wiebe, F. A. (1988). *Social learning theory as a conceptual framework for entrepreneurship research: The role of observational learning*. Paper presented at the International Council for Small Business, Boston.
- Schumpeter, J. A. (1997). *Teoria do Desenvolvimento Econômico: Uma investigação sobre lucros, capital, crédito, juro e o ciclo econômico* (M. S. Possas, Trans.). São Paulo: Nova Cultural.
- Secundo, G., Del Vecchio, P., Schiuma, G., & Passiante, G. (2017). Activating entrepreneurial learning processes for transforming university students' idea into entrepreneurial practices. *International Journal of Entrepreneurial Behaviour and Research*, 23(3), 465-485.
- Shane, S., & Venkataraman, S. (2000). The Promise of Entrepreneurship as a Field of Research. *The Academy of Management Review*, 25(1), 217-226.
- Silva, J. C. P. d. (2014). *Aprendizagem e competências empreendedoras: estudo com gestores de tecnologia da informação na região metropolitana de Fortaleza-CE*. (Mestrado Profissional em Administração e Controladoria), Universidade Federal do Ceará, Fortaleza.
- Silva, J. C. P. d., Lima, T. C. B. d., Paiva, L. E. B., & Lima, M. A. M. (2017). Aprendizagem empreendedora: estudo com gestores de tecnologia da informação. *RACE - Revista de Administração, Contabilidade e Economia*, 16(3), 1009-1034.
- Smilor, R. W. (1997). Entrepreneurship: Reflections on a subversive activity. *Journal of Business Venturing*, 12(5), 341-346.
- Terzieva, L. (2016). Entrepreneurial learning and communities of practice: The case of the cross-border cultural tourism development Bulgaria – Romania. In J. Ateljevic & J. Trivić (Eds.), *Economic Development and Entrepreneurship in Transition Economies: Issues, Obstacles and Perspectives* (pp. 271-286). Switzerland: Springer International Publishing.
- Tucker Jr., L. R. (1981). Entrepreneurial Learning Experience: The Academic Responsibility. *Journal of Business Education*, 56(4), 132-135.
- Wang, C. L., & Chugh, H. (2014). Entrepreneurial Learning: Past Research and Future Challenges. *International Journal of Management Reviews*, 16(1), 24-61.
- Wang, C. L., & Chugh, H. (2015). Entrepreneurial learning: Past research and future challenges. In D. Rae & C. L. Wang (Eds.), *Entrepreneurial Learning: New perspectives in research, education and practice* (pp. 11-44). New York: Routledge Taylor & Francis Group.
- Wenger, E. (1998). *Communities of practice: Learning, meaning, and identity*. Cambridge: University Press.
- Wenger, E. (2009). A social theory of learning. In D. C. Phillips & J. F. Soltis (Eds.), *Perspectives on Learning* (pp. 209-218). New York: Teachers College Press.

- Young, J. E., & Sexton, D. L. (1997). Entrepreneurial Learning: A Conceptual Framework. *Journal of Enterprising Culture*, 05(03), 223-248.
- Zampier, M. A. (2010). *Desenvolvimento de competências empreendedoras e processos de aprendizagem empreendedora: estudo de casos de MPE's do setor educacional*. (Mestrado), Universidade Federal do Paraná, Curitiba, Curitiba.
- Zampier, M. A., & Takahashi, A. R. W. (2011). Competências empreendedoras e processos de aprendizagem empreendedora: modelo conceitual de pesquisa *Cadernos EBAPE.BR*, 9(Edição Especial), 564-585.
- Zampier, M. A., & Takahashi, A. R. W. (2012). *Aprendizagem e Competências Empreendedoras: Estudo de Casos de MPE's do Setor Educacional*. Paper presented at the VII Encontro de Estudos sobre Empreendedorismo e Gestão de Pequenas Empresas - EGEPE, Florianópolis.
- Zampier, M. A., & Takahashi, A. R. W. (2014). Competências e aprendizagem empreendedora em MPE's educacionais. *Revista Pensamento Contemporâneo em Administração*, 8(3), 1-22.